

## ENTRE O CAMPO E A CASA: A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA FORMAÇÃO ESPORTIVA PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL

Adriano Lopes de Souza<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

Mayrhon José Abrantes Farias<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

Geovane Alves de Almeida<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** A presente pesquisa versa sobre o processo formativo do jovem atleta na categoria de base, cujo histórico em diferentes contextos nacionais, incluindo o da Região Amazônica, envolve uma série de arranjos na vida social do atleta que impactam no campo esportivo. Nesse sentido, o estudo objetiva compreender como jovens atletas percebem a influência do contexto familiar no seu processo de formação esportiva. Para tanto, realizou-se um estudo de caso com os atletas da categoria de base sub-18 de um clube profissional do Norte do Tocantins. Os resultados apontam que estes sujeitos necessitam de uma maior participação dos amigos e familiares no seu processo formativo. Conclui-se que o incentivo e o acompanhamento dos pais na prática esportiva de seus filhos podem vir a constituir-se em um fator de incentivo e satisfação para eles, desde que não haja uma cobrança excessiva.

**Palavras-chave:** Processo formativo; Jovem atleta; Categoria de base; Contexto familiar.

### **Between the field and home: the family influence in sports training for professionalization in football**

**Abstract:** This research deals with the training process of young athletes in the youth category, whose history in different national contexts, including the Amazon region, involves a series of arrangements in the athlete's social life that impact the sports field. In this sense, the study aims to understand how young athletes perceive the influence of the family context in their sports training process. For that, a case study was carried out with the athletes of the under-18 base category of a professional club in the North of Tocantins. The results show that these subjects need greater participation from friends and family in their training process. It is concluded that the encouragement and monitoring of parents in their children's sports practice may become a factor of encouragement and satisfaction for them, as long as there is no excessive demand.

**Keywords:** Formative process; Young athlete; Base category; Family context.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Tocantins. Membro do Núcleo de Investigação Multidisciplinar em Educação Física (NIMEF). Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: adriano.lopes@mail.uft.edu.br

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Tocantins. Membro do Núcleo de Investigação Multidisciplinar em Educação Física (NIMEF). Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Brasília. E-mail: mayrhon@mail.uft.edu.br

<sup>3</sup> Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: geovanealves93@hotmail.com

## **Pontapé inicial**

A temática do futebol está fortemente presente em nossa sociedade, sendo veiculada diariamente nos diferentes meios de comunicação, os quais fomentam principalmente as glórias e os sucessos dos grandes jogadores. Com efeito, alimentada pelo imaginário coletivo, tal ênfase pode acabar impactando na formação esportiva de crianças e jovens, muitos dos quais, ficam fascinados com uma suposta ascensão social e financeira e, em virtude disso, se rendem à tentativa de buscar uma carreira futebolística (DAMO, 2007; GIGLIO *et al.* 2008; SOUZA JR.; FERREIRA; COUTINHO NETTO, 2013).

Não obstante, é preciso ter presente que tal carreira está calcada no alto rendimento, envolvendo determinadas características que atravessam a prática esportiva, caracterizando-a como algo planejado, estruturado e orientado para um objetivo muito claro: a maximização dos resultados. Todavia, para alcançá-los, o futebolista precisa apresentar um combo de disciplina, comprometimento e esforço (DE ROSE JR., 2010). Desse modo, nota-se que o conceito de alto rendimento aproxima-se da própria definição de trabalho, consistindo na força concentrada do máximo esforço para executar uma tarefa ou uma meta (CHANLAT, 1996).

Destarte, pode-se inferir que ingressar no universo do alto rendimento exige do futebolista um alto investimento, demandando um tempo equivalente, por exemplo, a um curso superior, ou cerca de 5.000 horas distribuídas ao longo de 10 anos de treinamento, incluindo a sua formação esportiva nas categorias de base (DAMO, 2007). De fato, costumeiramente, os jovens desportistas deixam de estudar, abrem mão de uma vida social com os amigos e familiares para se dedicar em tempo integral à sua modalidade, sem saber que o número de atletas que avançam até a categoria sub-20 e que conseguem ser aproveitados em equipes profissionais é limitado, furtando-lhes a chance de lograr êxito nesta profissão (SOARES *et al.*, 2011; CARDOSO, 2015).

De forma geral, no espectro do esporte de alto rendimento, os jovens atletas brasileiros são selecionados para compor as categorias de bases de clubes profissionais dos grandes centros a partir do seu desempenho nas chamadas “peneiras”. Todavia, autores como Drubsky (2002), por exemplo, adverte-nos sobre a problemática da precocidade das cobranças e pressões tanto dos clubes,

quanto dos próprios grupos de familiares por bons resultados a curto prazo, sem que os jovens atletas estejam preparados física e psicologicamente para tal.

Além disso, ao ingressar no futebol profissional, esses sujeitos precisam lidar com uma nova realidade, pautada por viagens, concentrações, jogos, possíveis lesões, deslocamentos não programados (e muitas vezes, prolongados), etc., de tal modo que o seu ingresso e a sua permanência no esporte de alto rendimento mantêm relação inexorável com seus respectivos contextos familiares (RIAL, 2006), os quais podem servir como incentivadores da mediação e/ou minimização das referidas adversidades ou, ainda, como incentivadores de novos conflitos, afetando negativamente o processo formativo do atleta.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo se justifica pela necessidade de compreendermos o impacto do contexto familiar na formação de jovens atletas de alto rendimento na Região Norte do Tocantins, Região do Bico do Papagaio, porta de entrada da Amazônia Legal. Delineou-se como objetivo compreender como os jovens atletas percebem a influência do contexto familiar no seu processo de formação esportiva.

### **Referencial teórico**

O futebol pode ser considerado como um dos principais fenômenos socioculturais do século XXI, devido à sua capacidade de influenciar (e ser influenciado por) diversos segmentos da sociedade, além de desencadear uma série de reações físicas nas pessoas, tais como suor, lágrimas, sorrisos e uma diversidade de sentimentos. Devido a tais características subjetivas, o futebol não é um tema fácil de ser abordado de forma acadêmica, revelando-se como um grande desafio para o pesquisador das ciências sociais e humanas (FREITAS JÚNIOR, 2007; SOUZA *et al.*, 2011).

No entanto, a despeito dessa tarefa desafiadora, o futebol possui uma grande relevância social, podendo ser representado como o esporte mais popular do Brasil, quiçá, do mundo (MURAD, 2007), e, por isso, muitos estudos têm sido desenvolvidos acerca desse tema. No caso brasileiro, por exemplo, DaMatta (1994) aponta que o futebol atravessa um conjunto de valores e relações sociais, despertando em nós a valorização de sermos patriotas. Isto, por

sua vez, funciona como um vetor de aproximação entre o Estado nacional e o seu respectivo povo, o qual, nos dizeres deste autor, “[...] podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional” (DaMATTA, 1994, p. 5).

Além disso, ressalta-se que o futebol também está fortemente presente nos meios de comunicação de massa, retratando, sobretudo, os grandes jogos, as grandes jogadas e os grandes jogadores (AMARAL *et al.*, 2007). Esta presença marcante é um dos aspectos responsáveis por despertar/alimentar o sonho das crianças e dos jovens pela carreira atlética. Stambulova *et al.* (2009) a caracteriza como um conjunto de atividades esportivas de caráter plurianual que um atleta pratica almejando o pico individual de performance, seja no âmbito local, regional, nacional ou, até mesmo, internacional. Implica, desta maneira, em uma sucessão de estágios, quais sejam: a iniciação, a especialização, o investimento no esporte de alto rendimento e, finalmente, a sua interrupção.

Observe-se que o esporte de alto rendimento diferencia-se bastante do esporte fomentado na escola, por exemplo, cujos objetivos estão relacionados com atividades lúdicas e recreativas, com as atividades que buscam a participação de todos. Já o esporte de rendimento, por sua vez, é caracterizado por aspectos mais rígidos e demarcados, tais como: competitividade, performance, busca de *records* etc. Tais aspectos, aliás, costumam ser exigidos desde as categorias de base, dificultando a possibilidade do jovem atleta conciliar o desempenho esportivo com o desempenho escolar, bem como fazendo-o abrir mão de uma vida social, contrastando, assim, com a realidade de boa parte de jovens que não são atletas. Portanto, em consonância com o entendimento de Rubio (2001), pode-se articular que os feitos realizados pelos atletas, seja no âmbito esportivo ou fora dele (com uma rotina regrada), diferenciam-se da maioria da população e contribuem para disseminar a imagem do atleta-herói.

Ora, em que pese todas as exigências que se colocam diante de um atleta de alto rendimento, interessa-nos, de maneira especial, fazer menção ao lugar da família neste processo, como o esteio para toda e qualquer movimentação

(positiva ou negativa), com a presença ou a ausência do incentivo financeiro e/ou emocional, por exemplo. Daí já começamos a entender a problemática que começa a emergir dentro da realidade esportiva do atleta em formação, permeado por um conjunto de expectativas e, por tabela, também de cobranças.

Com essa grande expectativa criada pelos pais, a cobrança por resultados dentro de casa muitas vezes acaba sendo maior do que a do próprio time. Isso ocorre quando os pais só querem saber do sucesso e vitória de seus filhos. Para muitos pais é complicado entender que o que importa é a participação de seu filho em uma prática esportiva e não a vitória em si (MACHADO; PRESOTO, 1997, p. 25).

Diante desse cenário, é preciso ter cuidado com a precocidade das exigências motoras, pressões psicológicas e expectativas diversas depositadas nos atletas jovens, visto que eles se encontram ainda em uma fase de transição (no âmbito esportivo ou pessoal), pois, de certo modo, tiveram sua infância tolhida. Conforme assinala Rocha e Pereira (2009, p. 15), “[...] Não por acaso, a adolescência é vista como um `rito de passagem`, nela os estudantes, por exemplo, são chamados no gerúndio – vestibulandos, formandos, etc. –, pois esse lugar de transição e mediação é a marca central do jovem”.

Com efeito, a carreira do jogador de futebol é uma grande incógnita, cujas primeiras investidas costumam ser feitas por incentivos dos familiares, pais, responsáveis, amigos e professores, os quais seguem sempre a mesma premissa de que quando surge a pré-disposição para a prática, fica mais fácil canalizar esforços para uma contrapartida futura.

A luta dos jovens que vislumbram a carreira de jogador de futebol, os seus sonhos e frustrações tem sido objeto do cinema, da televisão e dos jornais, mas não tem recebido a mesma atenção das pesquisas sobre a formação profissional no esporte no campo da educação, da educação física e da sociologia das profissões (MELO, 2010, p. 17).

A este respeito, ressalta-se que a formação de um atleta não pode se resumir a ideia de que ele terá uma carreira bem-sucedida no esporte de alto rendimento. As consequências negativas podem ocasionar inúmeras reações e até o abandono total do praticante. Tal contexto aponta para a necessidade da criação de políticas públicas direcionadas para promover um acompanhamento integral desses jovens que se aventuram no universo do esporte de alto

rendimento, promovendo-lhes uma orientação a respeito da sua carreira profissional, seja no âmbito esportivo ou fora dele.

### **Procedimentos metodológicos**

A presente investigação caracteriza-se como um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, de tipo descritiva. De acordo com Yin (2005), o estudo de caso é um método que responde questões que giram em torno do “como” e do “por que”, utilizado basicamente quando se necessita descrever de maneira ampla e profunda algum fenômeno social complexo e contextualizado.

A população do estudo é composta por jovens atletas do Tocantinópolis Esporte Clube (TEC), com faixa etária entre 18 e 20 anos, na categoria conhecida como Júnior/Juvenil. Fizeram parte dessa amostra 30 atletas. A pesquisa tem como *locus* o TEC, localizado na cidade de Tocantinópolis, no Norte do Tocantins, mais especificamente, na Rodovia TO-126 Km26 – Bairro Alto Bonito. O TEC foi fundado no dia 1º de janeiro de 1989. Possui um estádio, conhecido por João Ribeiro, com capacidade de 10 mil pessoas.

Em consonância com o objetivo deste estudo, optou-se por utilizar a observação direta e o grupo focal como instrumentos metodológicos para a coleta dos dados. As observações ocorreram durante aproximadamente um mês, contemplando todos os dias de treinos e jogos. Para tanto, recorremos aos diários de bordo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), para facilitar o registro das notas correlatas.

O grupo focal, por sua vez, visa coletar informações por meio das interações grupais. Assim, o grupo focal difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo-lhe a criação de um ambiente favorável à discussão, capaz de propiciar aos participantes a manifestação das suas percepções, pontos de vista, atitudes, etc. (GATTI, 2005).

Inicialmente, observou-se os jovens atletas no local de treinamento junto com seus treinadores, identificando se os pais e/ou responsáveis acompanhavam o dia-a-dia desses atletas. A técnica da observação direta foi realizada em diversos momentos da pesquisa, visando identificar as ações

desenvolvidas na categoria de base do TEC – onde foram coletadas informações sobre as atitudes e ações dentro do contexto pesquisado, com foco na participação familiar nesse processo.

Em seguida, realizou-se o grupo focal com os atletas, no qual foram explicados os objetivos da pesquisa e os tópicos que seriam colocados para discussão. Compuseram o grupo focal os atletas cuja faixa-etária condiz com a última categoria da base (sub 19)<sup>4</sup>, totalizando 12 participantes. Eles foram divididos em dois grupos compostos por seis participantes cada. Ambos os grupos focais foram realizados na arquibancada do Estádio João Ribeiro para que os atletas se sentissem mais à vontade. As conversas foram registradas através de um gravador de celular e algumas anotações foram feitas pelo pesquisador. Para melhor interpretação dos dados, todos os áudios foram transcritos.

Para mediar a interação do grupo focal foi construído um roteiro prévio, com pontos que confluíam para o melhor entendimento do nosso objeto de estudo. Conforme assinalado por Gatti (2005, p. 17): “O roteiro elaborado como forma de orientar e estimular a discussão deve ser utilizado com flexibilidade, de modo que ajustes durante o decorrer do trabalho podem ser feitos com abordagem de tópicos não previstos”. Empregou-se esse critério de flexibilidade porque possibilita maior liberdade para ir e vir no desenvolvimento do roteiro, deixando assim os atletas à vontade para expor suas diferentes opiniões sobre o assunto.

Os resultados foram organizados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2006), cujo processo analítico divide-se em três fases: 1 - Pré-análise, 2 - Exploração do material, 3- Tratamento dos resultados. Na primeira, estabeleceu-se o esquema de trabalho, envolvendo a leitura de documentos que serão submetidos a análise; na segunda, identificou-se as unidades de registro no contexto nos documentos da amostra, para que se possa categorizar e compreender as unidades de registro; na terceira, por sua vez, considerou-se as condições necessárias para realizar a inferência e a interpretação dos dados com base no referencial teórico.

---

<sup>4</sup> Esta categoria é formada por 30 atletas. Entretanto, cerca da metade tem faixa-etária correlata a uma categoria inferior (Sub -17), esbarrando no critério de exclusão da nossa amostra.

Por fim, é pertinente destacar que no presente estudo foram obedecidos os procedimentos éticos relativos à pesquisa científica no campo das Ciências Humanas, com a entrega de uma carta de apresentação deste estudo ao referido clube e, por conseguinte, com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os atletas que compuseram a nossa amostra, os quais consentiram a sua livre participação. Ademais, observe-se que os nomes dos sujeitos citados são fictícios, a fim de garantir-lhes o devido anonimato. Portanto, em consonância com a temática do futebol, optou-se por atribuir-lhes os nomes de alguns atletas da seleção brasileira que participaram da Copa do Mundo de 2002 – última vez em que o Brasil sagrou-se campeão mundial.

### **Observação de campo**

Desde o primeiro contato realizado houve boa receptividade pelos atletas e pela comissão técnica. De forma preliminar, o pesquisador se apresentou formalmente, bem como explanou sobre os objetivos da pesquisa para eles. Os treinos ocorreram na sede do TEC, no estádio João Ribeiro, durante três dias na semana (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira), no período vespertino, enquanto os jogos aconteciam nos finais de semana, também no período vespertino, contando com cerca de 30 atletas de 17 a 19 anos. No que diz respeito a sua infraestrutura, a Sede do TEC é composta por três campos (sendo um *Society*), um refeitório e dez quartos para os atletas se alojarem.

Identificou-se que alguns atletas chegaram atrasados nos treinos, em virtude da distância, pois alguns moram em cidades vizinhas, como Estreito-MA e Aguiarnópolis-TO. Todas as vezes antes de começar os treinos, os atletas têm a prática de fazerem uma oração, e, em seguida, uma roda de conversa, onde na maioria das vezes os temas são os jogos que vão ocorrer nos finais de semana e os que já ocorreram. Logo após, começam o aquecimento para dar início ao treino.

No tocante à presença dos familiares, foco do estudo, não foram identificadas claramente nos períodos de treinos. Percebe-se na chegada dos atletas nos treinos, que estes chegam e saem sozinhos, sem o acompanhamento da família. As poucas pessoas vistas nas arquibancadas não aparentaram fazer



parte do contexto familiar dos mesmos, uma vez que não interagiram diretamente com qualquer jogador.

Por outro lado, nos dias de jogos, foi possível notar a presença de familiares cobrando, incentivando ou apoiando os jogadores em geral, e, especialmente, àqueles que faziam parte da sua família. Aqui, algumas falas dos espectadores (familiares) chamaram atenção, confirmando a percepção de que os mesmos faziam parte da família de alguns dos atletas. Dentre estas falas, destacam-se: “*Vai filho*”; “*Pô, a tua namorada tá aqui cara*”; ou ainda “*no dia que teu pai vem te ver, tu faz isso...*”

Com base nas observações, percebe-se que pelo menos nos dias de jogos, há uma participação ativa de alguns familiares destes jovens atletas. Contudo, não é possível inferir se tal participação constituiu-se, de fato, em um incentivo, prazer e/ou satisfação para os referidos sujeitos, pois, conforme ilustrado pelos relatos supracitados, tal intervenção não era feita apenas em forma de incentivo, mas, também em forma de cobrança.

### **Grupo Focal**

No processo de realização do grupo focal, inicialmente, explicou-se aos participantes da pesquisa que não existiam respostas certas ou erradas e sim a opinião singular de cada um, isto é, apenas um ponto de vista com base nas suas próprias experiências. Em seguida, foi esclarecido o objetivo dos diálogos propostos. O primeiro ponto de conversação versa sobre o acompanhamento da família nos treinos e jogos da equipe, onde os atletas começaram a comentar sobre o assunto. Aqui, destacam-se relatos, como:

Não. Os treinos não vem não, mas jogos sempre comparece alguém: amigos, namorada alguém do tipo assim (Rivaldo).

Os treinos é mais difícil porque é, geralmente é ‘mei’ de semana’, aí a maioria trabalha, tem nem como vim, mas, jogos principalmente amigos vem muito, acompanhar os jogos aí, família é difícil vim, o meu pelo menos é mais difícil vim (Lúcio).

O meu pai vem nos treinos aí, de vez em quando ele vem, acompanha os treinos. Meu jogo ele não falta um aqui, daqui quando é aqui em casa (Cafú).

Em seguida, procurou-se saber como ocorre o acompanhamento familiar conforme pontuado em alguns dos relatos, a fim de entender se ele se dava como forma de cobrança ou de incentivo. Assim, alguns jogadores relataram:

Durante o jogo, quando chega em casa sempre tem a mensagem de alguém falando sobre, porque não entrou, porque errou o passe porque não finalizou mas, sempre tem cobranças (Rivaldo).

O jogo é, incentivo né? (Roberto Carlos).

Cobrança também, dentro de campo (Cafú).

Identificou-se que, embora tal acompanhamento dos familiares possa gerar algum incentivo, a maior parte dos atletas mencionou que o mesmo é feito mais comumente em forma de cobrança, tanto na circunstância de jogo, quanto no momento em que estão no seio do lar. Não obstante, como não ficou claro a forma como tais atletas se sentem (estimulados, pressionados, coagidos etc.) diante da presença e acompanhamento dos familiares nos jogos, direcionou-se o diálogo para este ponto, cujas respostas variaram bastante, tal como ilustrado nas seguintes narrativas:

Ah, do jeito que ele fala é mais suave, né? Mais tranquilo. Ele incentiva muito entendeu? Alguns erros que acontecem na partida ele fala numa boa, até eu gosto quando ele fala isso me incentiva mais ainda ver os detalhes de quem torce por mim. Eu absorvo aquilo e tento melhorar (Ronaldinho Gaúcho).

É, me pressiona mais porque eu sei que eu tentando lá, ele não vai ter aquela, dizer “é meu ‘f’ jogou bem, isso e aquilo” ele nunca, dificilmente ele vai me elogiar as ‘vez’ sim, mas a maioria não, aí isso tem ‘vez’ que ajuda que eu fico pensando: “não rapaz eu vou jogar bem pra eu mostrar pra ele”. E as ‘vez’ atrapalha que eu sabendo que eu não ‘tô’ jogando tão bem e ele ainda ‘mermo’ ele chega em mim e fala essas coisas aí as ‘vez’ atrapalha demais (Roque Júnior).

Nota-se, aqui, que os familiares podem atuar como um incentivo positivo para os atletas ou não, uma vez que, dependendo do tipo de interlocução, estes podem sentir-se mais pressionados e estressados, não apresentando, pois, uma resposta emocional e comportamental muito adequada para o seu processo formativo. No caso do Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, percebe-se que esta

relação se dá de forma muito positiva, já no caso do Roque Júnior, tal relação não parece ser muito frutífera e amistosa.

Não obstante, se por um lado faz-se necessário reconhecer que a capacidade para lidar com o estresse é um elemento indispensável para o atleta de alto rendimento, convivendo cotidianamente com situações de confronto, avaliação e comparação (DE ROSE JR., 2002), por outro, é preciso ter presente que, em decorrência da sua idade, os jovens esportistas já têm que lidar com um conjunto de alterações (físicas, psicológicas e sociais) no seu cotidiano (SAMULSKI, 2002). Desse modo, observe-se que as exigências excessivas por parte de quem eles mais esperam receber um apoio, como é o caso dos familiares, pode acabar gerando um nível de ansiedade e frustração que podem ser prejudiciais para o seu processo formativo, incluindo, em última instância, o abandono do esporte.

Sobre a relação do clube com a família, identificou-se que não há nenhum tipo de ação sistematizada, apesar dos atletas reconhecerem e reivindicarem a importância dessa parceria, pois, segundo eles, para ter um melhor rendimento precisa estar psicologicamente bem com família, amigos, namorada, etc., tal como ilustrado nos seguintes relatos:

Ah, eu penso que é importante porque muitas vezes muita gente fala “ah, a pessoa, ou o menino não veio pro treino por isso, por isso, por aquilo” mais muita gente num... porque as vezes você não imagina que ele não veio pro treino porque ele precisa ajudar a família dele, trabalhar em termo disso. Aí as ‘vez’ tem que.. se o clube ou a família dele tivesse contato melhor, assim conversasse mais até, ter, talvez eles ‘tentaria’ até arrumar uma solução pra isso, mais como não tem nenhum contato fica cada um por si, fica difícil essa relação (Ronaldo).

Difícil. Só se alguém vier a falecer. Aí dá assim umas palavras, ajuda, mas é muito difícil (Rivaldo).

Ah devia procurar saber mais, né? Porque muitos dos nossos ‘jogador’ aqui passa por dificuldades, pra vir pros treinos, as vezes mora longe, se pudesse ajudar assim eles ‘vim’, botar uma gasolina pra eles vim treinar isso seria assim o mínimo né pra ajudar, esses muleque que vem de fora ai, já ajuda muito (Gilberto Silva).

No bojo desta discussão, Jackson, Mayochi e Dover (1997) destacam a importância do que chamam de suporte social, ou seja, as pessoas com quem os

jogadores podem contar para auxiliá-los na preparação e no decorrer da competição. Nessa perspectiva, observa-se que os amigos, o técnico, os outros jogadores do time e os familiares fazem parte do suporte informal, enquanto o psicólogo esportivo e os administradores dos clubes compõem o suporte formal aos atletas.

Outro ponto importante da interação grupal diz respeito a dificuldade em conciliar as exigências esportivas com o desempenho escolar, por causa da cobrança por melhores resultados, tendo que deixar os estudos para segundo plano. Segundo eles, faltava-lhes tempo e também disposição para estudar devido a alta carga de atividades correlatas aos treinos e jogos.

Muitas vezes dificulta, né? A escola com o futebol porque futebol é difícil o cara não gostar assim, ter uma bolinha pra jogar, aí quando 'ta' estudando as vezes tem um trabalho. Aí diz que vai fazer o trabalho e vai jogar bola, ou joga e chega cansado não da pra fazer, 'ta' exausto, ai muitas vezes atrapalha né? (Kleberson).

De fato, conforme pontuado por Klein (2014), à medida que os jovens avançam entre as categorias de base e se aproximam da profissionalização, as exigências aumentam, sobretudo em relação ao tempo de dedicação aos treinamentos, jogos e viagens, exigindo quase que exclusividade para este projeto. Nestes casos, comumente, a escola acaba ficando em segundo plano.

Outro aspecto relevante que merece destaque na interação grupal diz respeito às principais referências da vida desses atletas, isto é, aqueles que servem como principal inspiração/motivação para seguirem na jornada rumo a profissionalização no esporte. Deixamos em aberto a possibilidade dessas referências fazerem parte da sua vida pessoal, ou, até mesmo, do universo esportivo em geral. Assim, nos chamou a atenção o fato de que a quase totalidade das respostas apresentavam os seus próprios familiares em detrimento de alguns jogadores de renome e sucesso no futebol, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

Tenho três pessoas, minha vó, minha madrinha e minha mãe. Minha vó e minha madrinha que me criou desde pequeno [...] pra mim essas três 'mulher' na minha vida. Se eu puder um dia alcançar meu objetivo é as três pessoas que eu quero mais ajudar são elas (Edmilson).

Eu me espelho mais é no meu pai porque todo dia eu presencio a luta dele pra dar um prato de comida, um café da manhã e

uma janta pra, pra gente, mas apesar de todas as coisas que já passei através dele, mas é meu pai e eu sei que todo mundo tem um defeito. Mas, se um dia eu conseguir meu objetivo eu espero que com saúde ele esteja, e ele esteja lá comigo presente no meu sucesso que no momento de tristeza ele também ‘teve’ comigo (Roque Júnior).

O meu pai mais, ele faz tudo pra eu alcançar meus objetivos. Ele luta muito, trabalha muito também, eu vejo o esforço dele, trabalha demais e eu penso no futuro assim da um conforto pra ele ficar tranquilo ele se esforçou demais e eu penso muito nele, me inspira muito ele (Ronaldinho Gaúcho).

De fato, com exceção do Gilberto Silva que mencionou “Neymar e seus dribles”, todos os demais relatos enaltecem os seus familiares, demonstrando gratidão pelo cuidado e zelo que receberam e/ou recebem dos mesmos. Percebe-se que o fato de seus familiares não os acompanharem nos treinos, por exemplo, não interfere no caráter motivacional, haja vista que os atletas se inspiram neles como exemplo de vida ou como um propósito para buscarem lograr êxito no esporte de alto rendimento e, desta maneira, realizar os seus sonhos e da sua família.

Segundo Verardi e De Marco (2008), os aspectos motivacionais são os principais fatores para a realização de toda e qualquer atividade, seja ela no plano motor ou cognitivo, permitindo a máxima eficiência da aprendizagem. O esporte é um fenômeno que chama a atenção dos indivíduos na sociedade contemporânea. Esse modelo social inclui, entre outras instituições, a família, afetando os indivíduos em relação às suas potencialidades e à sua formação esportiva. Com efeito, direta ou indiretamente os pais são responsáveis por influenciar a carreira esportiva de seus filhos, incluindo a motivação, o estresse, o comportamento emocional, dentre outros aspectos correlatos (VILANI; SAMULSKI, 2002).

Por fim, foi retomada na interação grupal como os jovens atletas consideram a interferência da família na sua formação esportiva, se positiva ou negativa, a partir da qual eles abordaram suas respectivas experiências. Aqui, todos foram enfáticos ao avaliarem tal interferência como sendo positiva, com destaque para as seguintes narrativas:

De forma positiva, né? Porque mesmo minha mãe que não gosta muito do futebol, mesmo eu vendo que eu, eu me esforçando assim de boa, ela vai e incentiva assim cada vez mais né?

Mesmo por ela não gostar assim, né? 'Mais' vai ajudando a querer que eu busque meu sonho também (Robertos Carlos).

A minha também é positiva, acreditando sempre, 'mermo' se não der certo também, tem muita pessoa bondosa no mundo, respeitosa, em cima do futebol também a gente se aprende muito, a gente amadurece muito rápido, mesmo se não der certo a gente aprende muita coisa (Edmilson).

Diante do exposto, percebe-se que os vínculos familiares possuem um papel fundamental no processo formativo dos atletas, corroborando com o que é apontado por estudos recentes da área (ANJOS; SANETO; OLIVEIRA, 2012; DANTAS, 2014; ARAUJO; FRANCISCO; PIOVEZAN, 2021). Com efeito, se por um lado, é forçoso reconhecer que o arrependimento dos atletas por suas escolhas tenha causas multideterminadas, por outro, pode-se inferir que os seus respectivos grupos familiares representam uma parte essencial da base de uma carreira atlética, proporcionando aos referidos sujeitos um suporte para comemorar os sucessos e para suportar os revezes correlatos ao campo esportivo.

### **Apito final**

Sabe-se que os atletas da categoria de base sonham com a tão almejada carreira profissional e para que esse objetivo seja alcançado precisam lidar com um conjunto de conquistas e frustrações. No bojo desse processo formativo, o contexto familiar é apontado na literatura como primordial na adesão e permanência do atleta no esporte de alto rendimento, justificando a relevância de investigar tal relação.

A presente pesquisa foi realizada, portanto, com os atletas da categoria de base sub-18 do TEC, com ênfase no impacto do contexto familiar no seu processo de formação esportiva. Nas observações, identificou-se a ausência dos familiares nos treinos, compensada pela participação nos respectivos jogos, incentivando-os e/ou cobrando-os da arquibancada.

Na interação proveniente do grupo focal, por sua vez, foi possível conhecer a percepção dos respectivos sujeitos a respeito da relação do contexto familiar com seu processo de formação esportiva. A este respeito, os resultados demonstram que mesmo o caso dos familiares que não tenham uma participação direta e efetiva nos treinos e jogos, tais atletas os veem como

inspiração e motivação para seguir seus sonhos e objetivos, a fim de, em última instância, proporcionar-lhes um futuro melhor.

A partir dos resultados aqui expostos, percebeu-se que a influência familiar pode ser uma variável importante quando se trata de atletas em categorias de base para que tenham um bom rendimento no futebol. Porém, nas observações e nos grupos focais realizados, registrou-se a falta de apoio de alguns familiares para esses atletas e também falta de amparo do clube em relação aos agrupamentos familiares dos mesmos. Acredita-se que se o clube proporcionasse uma maior aproximação com o contexto familiar dos atletas, os mesmos se sentiriam mais motivados para construir uma carreira esportiva. Conclui-se, portanto, que o rendimento destes sujeitos no futebol profissional pode ser potencializado a partir de ações que visem a aproximação do contexto familiar no seu cotidiano de treinos e jogos.

Por fim, vale ressaltar que esta pesquisa contemplou apenas uma população regional, com jogadores de um clube situado no interior do Norte do Tocantins e, portanto, não pode ser generalizado para outros casos, representando, uma limitação do presente estudo. Assim, propõe-se como desdobramento, a realização de pesquisas futuras que contemplem a percepção de outros agrupamentos de atletas a respeito da influência do contexto familiar no início da sua carreira esportiva, abrangendo, por exemplo, níveis estaduais ou nacionais.

## **Referências**

AMARAL, Ana Carolina Soares. *et al.* A cultura do corpo ideal: nível de satisfação corporal entre escolares de diferentes faixas etárias - estudo comparativo. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 33, n.2, p. 41-45, 2007.

ANJOS, José Luiz dos; SANETO, Juliana Guimarães; OLIVEIRA, Andreia Anchieta. Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-147, 2012.

ARAUJO, Hugo Sarat; FRANCISCO, Marcos Vinicius; PIOVEZAN, Patricia Regina. Desigualdade social, dificuldades e expectativas de jogadores da categoria de base com o futebol profissional. **Esporte e sociedade**, Niterói, v. 14, n. 34, p. 1-24, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Ed. Porto. Porto, 1994.

CARDOSO, Felipe. Os números sobre jovens que viram profissionais são desanimadores. **Revista Super F.C.** Viçosa, 2015.

CHANLAT, Jean-François. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, 1996.

DaMATTa, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista da USP**, São Paulo, 1994.

DANTAS, Marina de Mattos. Pequenas empresas, grandes negócios: os anônimos do futebol profissional brasileiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 9, n. 23, p. 1-16, 2014.

DE ROSE JR. Dante. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 19-26, 2002.

FREITAS JR., Miguel Archanjo. Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, Luiz. (org.). **Futebol e Globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007, p. 213 - 233.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GIGLIO, Sérgio Settani. *et al.* O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, ano 14, n. 30, p. 67-84, 2008.

JACKSON, Susan; MAYOCCHI, Lisa; DOVER, Jeremy. Life after winning gold: II. **Journal of Sport & Exercises Psychology**, v. 20, p. 139-155, 1997.

KLEIN, Lucas Barreto. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. Dissertação de mestrado em educação do Centro de ciências e educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

MACHADO, Afonso Antonio; PRESOTO, Daniel. Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico. In: BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). **Psicologia do esporte**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1997, p. 19-48.

MELO, Leonardo Bernardes Silva. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.



ROCHA, Everaldo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

SAMULSKI, Dietmar Martin. **Psicologia do esporte**: um manual para educação física, psicologia e fisioterapia. São Paulo: Manole, 2002.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *et al.* Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n.4, p. 905-921, 2011.

SOUZA, Adriano Lopes. *et al.* Análise do Futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural. **Lecturas Educación Física y deportes**, v. 16, p. 1-7, 2011.

SOUZA JR., Osmar Moreira de; FERREIRA, Bruno Martins; COUTINHO NETTO, João Batista. Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?: apontamentos sobre a formação de futebolistas na perspectiva de treinadores de categorias de base. **Revista Mineira de Educação Física e Esportes**, Viçosa. n. 9, p. 920 – 925, 2013.

STAMBULOVA, Natalia. *et al.* ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

VERARDI, Carlos Eduardo Lopes; DE MARCO, Ademar. Iniciação esportiva: a influência de pais, professores e técnicos. **Revista Eletrônica Da Escola de Educação e Desportos-UFRJ**, Rio de Janeiro. v. 4. n. 2. p. 103-119, 2008.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescente. In: GARCIA, Emerson Silame; LEMOS, Kátia Lúcia Moreira. **Temas atuais VII**: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002, p. 09-26.

YIN. Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.